

Documentação

SOCIOAMBIENTAL

Fonte: *Gm Agrisummas*

Data: *8/4/2003* Pg *3/2*

Class. *82*

EROSÃO

Respeito ao meio ambiente amplia lucro no campo

Produtores rurais e pecuaristas do sudoeste goiano preservam o solo com plantio direto e a rotação de culturas

Lucia Kassai
de Mineiros (GO)

O agricultor do entorno das nascentes do Rio Araguaia, na divisa de Goiás com o Mato Grosso do Sul, está com um olho no lucro e o outro no meio ambiente. No município de Mineiros, a 434 quilômetros de Goiânia, no sudoeste do estado, os produtores descobriram que a melhor maneira de preservar o solo da erosão é plantando. Em áreas ameaçadas pela erosão, antes voltadas exclusivamente para a pecuária, os produtores passaram a fazer uso rotativo entre pecuária e cultivo de grãos. E nas áreas onde o plantio de grãos já era feito, eles estão intensificando o uso das técnicas de plantio direto, que preservam mais o solo.



Milton Fries

“Protégemos o meio ambiente e ainda tiramos proveito econômico disso. É o casamento perfeito da agricultura com a natureza”, diz o agricultor Milton Fries, um gaúcho de 50 anos que chegou em Mineiros nos anos 70, quando o Centro-Oeste ainda era uma fronteira agrícola.

“Chegamos e destruímos muita mata para abrir caminho para a soja. Isso afetou a paisagem, a qualidade do solo e as condições do rio Araguaia. Chegou a hora de buscarmos o equilíbrio”, afirma o produtor rural. A derrubada da mata acelerou o processo de desertificação na região, tornando o solo arenoso e suscetível às erosões.

Rio Araguaia

A solução do problema veio pelas mãos de uma Organização Não Governamental (ONG) americana, a The Nature Conservancy (TNC). A entidade fez parcerias com duas fazendas localizadas às margens do Araguaia, com o objetivo de reduzir a erosão do solo e a poluição dos rios. A Fazenda Retiro do Araguaia, de Milton Fries, é uma delas. Fries reservou 220 hectares de sua propriedade para o projeto experimental. Ele é um dos maiores produtores da região. Nesta safra, Milton Fries foi, sozinho, responsável por 7,3% de toda a área plantada com soja em Mineiros. O produtor cultivou 8 mil dos 110 mil hectares dedicados à cultura.

Em Mineiros, uma das principais causas da erosão é a pecuária, atividade de grande impacto econômico na região. Enquanto o solo

mais rico é destinado às lavouras de grãos, o terreno mais pobre, o arenoso, normalmente é destinado à pecuária, o que intensifica o seu problema de erosão.

Reservatórios de água

A movimentação constante do gado até as margens do Araguaia, em busca de água, provoca modificações no solo que, na primeira chuva forte, se transformam numa vala no solo. A solução da TNC é simples. Em primeiro lugar, a ONG recomenda que os agricultores construam reservatórios de água para abastecer o gado, longe das margens do rio. Depois, nos locais onde antes havia exclusivamente pastagem para os animais, a TNC sugere

que se faça uso rotativo da terra. Trata-se de ecologia de resultados. “Antes, eu apenas criava boi nessa área. Agora, colho uma safra de soja, uma safrinha de milho e só então solto o boi no pasto”, diz Fries. São dois anos com lavouras de grãos e dois anos com pecuária. O boi já entra no pasto logo após a colheita da safra de grãos, porque a pastagem (braquiária) é plantada em meio à safra de milho. Quando o milho é colhido, a braquiária está no ponto de ser consumida pelos animais.

Para convencer os agricultores a participarem do projeto, a TNC usou fortes argumentos econômicos. Ela fechou com cada um deles um contrato de risco. Caso a área experimental tivesse rendimento



ARTE GAZETA

inferior àquela utilizada exclusivamente para a engorda de gado, a TNC cobria a diferença em dinheiro. Caso a rentabilidade da área experimental fosse superior à da pecuária, a diferença seria revertida para o fundo. “Em dois anos de projeto, a TNC nunca precisou tirar um único centavo do bolso para cobrir a diferença: a soja e o milho deram mais dinheiro que a pecuária”, afirma Laurenz Pinder, gerente do programa Cerrado da TNC. A TNC recebeu de volta, em média, R\$ 300 por cada hectare cultivado nas áreas experimentais.

A erosão sempre foi problema

presente no dia-a-dia dos produtores de Mineiros. Afinal, erosão é sinônimo de prejuízo na agricultura. Em primeiro lugar, o problema tem que ser corrigido o mais rápido possível, porque a vala tende a aumentar com cada ocorrência de chuva. Além disso, essa é uma área que deixa de ser plantada e, assim, as colheiteiras tem que contorná-la, gastando mais tempo e combustível. “A agricultura no Brasil é muito competitiva. Qualquer item que signifique perda de competitividade, como uma erosão, tem que ser combatida o mais rápido possível”, afirma Alfredo

Kober, agrônomo e gerente da Monsanto. A empresa é uma das principais patrocinadoras do projeto da TNC. Entre os anos de 2001 e 2003, o projeto da TNC terá recebido cerca de US\$ 600 mil do Monsanto Fund, criado pela empresa norte-americana para financiar projetos ambientais e sociais.

Erosão do solo

O problema da erosão do solo em Mineiros é tão sério que um de seus cartões postais é a “Chitolina”, nome de batismo de uma das maiores voçorocas — como é conhecido o processo de erosão — de todo o País. Trata-se de uma fenda de 5 quilômetros de extensão, 70 metros de largura e 40 metros de profundidade. “Esse é um exemplo extremo de até onde uma pequena fenda de erosão pode chegar”, afirma Alfredo Kober.

Há dois anos no projeto da TNC, o agricultor Fries vê benefícios e técnicas que já incorporou ao cotidiano de sua propriedade. E diz que o mais forte argumento a favor do programa é realmente o fator econômico. “O agricultor quer ver, na ponta do lápis, quais benefícios terá, o que poderá incorporar à suas técnicas de manejo e trato da terra. A agricultura moderna é assim. Contempla vantagens para o proprietário e para o meio ambiente”, afirma.

Como na região de Mineiros a maioria esmagadora das propriedades é própria, e não arrendada, os agricultores têm interesse em manter o solo produtivo. Preservar o solo hoje é sinônimo de longevidade dos lucros.

O objetivo da TNC agora é ampliar a parceria para 21 fazendas, com área total de 30 mil hectares.

Excesso de chuva prejudica colheita de soja

Em 24 de profissão, Moacir Ribeiro Júnior, gerente da Cooperativa Mista dos Produtores Rurais do Sudoeste Goiano (Comigo), nunca tinha recebido uma safra de soja com tanta umidade. “A umidade é tanta que vamos ter que refazer nossa tabela de referência”, diz.

Na época em que a tabela foi confeccionada, há mais de 20 anos, a umidade máxima projetada chegava a 33%, o que “já era um absurdo, um número teórico”, nas palavras de Ribeiro. Nesta safra, ele chegou a receber carregamentos com umidade de

até 35%. “Nem sei como aplicar o desconto no preço”, afirma.

As chuvas nos estados de Goiás e Mato Grosso estão atrasando a colheita da safra, elevando o índice de umidade dos grãos e, consequentemente, o desconto feito ao produtor. Na Comigo, das 60,2 mil toneladas recebidas neste ano, 10%, ou 6 mil toneladas, apresentaram umidade superior a 20%. Nesse caso, o desconto sobre o preço chega a 8%. O desconto é progressivo. Quando a umidade chega a 33%, o desconto no preço pode chegar a 34%. Na média, a

Comigo recebeu neste ano a soja com umidade de 17%, contra 13,2% apurados em 2002 e 14,1% apresentados em 2001. O referencial da cooperativa é de 14%.

Segundo a Safras & Mercado, em Goiás 55% da safra foi colhida, contra 70% em 2002 e 68% na média dos últimos cinco anos. Em Jataí, Rio Verde e em Mineiros, no sudoeste do estado, não é raro ver as colheiteiras a todo vapor até as 23 horas da noite. “Aproveitamos cada brecha para colher porque a chuva neste ano não está facilitando”, diz o produtor Milton

Fries, de Mineiros (GO). Dos 8 mil hectares que plantou, 30% ainda não foram colhidos. “Em 2002, a colheita já estava terminada.”

No Mato Grosso a situação não é diferente. Hoje, 70% da safra foi colhida no estado, ante 77% apurados em igual período do ano passado e 81% na média dos últimos cinco anos. “Os produtores do Centro-Oeste plantaram atrasados com a falta de chuvas, e estão colhendo atrasados pelo excesso de chuvas”, diz Flávio França Júnior, analista da Safras & Mercado.

(L. K.)